

KOR00133

## ESCOLHA SUA PRAIA NESTE RÉVEILLON

Turismo selecionou 95 pacotes no Brasil e no exterior para a festa

Págs. F13 a F18



Praias



Hemisfério Norte

Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem



Vista do lago do Ajuruxi, na reserva extrativista Cajari, a cerca de quatro horas de barco de Macapá



Natureza



Brasília

# ECOTURISMO do FUTURO



América Central, África e Oceania



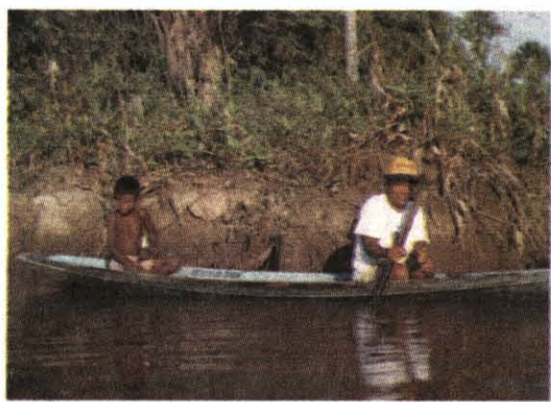
América do Sul

## RESERVAS DA AMAZÔNIA SE PREPARAM PARA RECEBER VISITANTES EM 2003

A viagem às reservas extrativistas amazônicas é uma oportunidade para navegar por rios que parecem mar, observar como é extraído o látex da seringueira e ouvir causos de curupiras e botos contados pelos caboclos. Os moradores dessas áreas estão sendo capacitados para receber visitantes a partir de 2003. Por enquanto, quem quiser aventurar-se pela floresta deve pedir autorização para o Ibama.

→ Págs. F2 a F10

A partir do alto, pescadores em Cajari; Alter do Chão (PA), perto de Tapajós-Arapiuns, e pôr-do-sol no lago do Cuniã (RO)



Rio de Janeiro



Nordeste



Posse do novo presidente no dia 1º de janeiro torna Brasília, pela primeira vez, uma das cidades mais procuradas para a virada do ano



Montanhas



Capital-SP



Interior-SP





Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem

Vista da praia de Suruacá, na Reserva Extrativista de Tapajós-Arapiuns, perto de Santarém (PA)

Crianças comem farinha com açaí no povoado de Santo Antônio da Foz, na reserva de Cajari (AP)

**PERDIDOS NA FLORESTA** Comunidades amazônicas, ainda sem infra-estrutura, devem receber visitantes no ano que vem

# Áreas extrativistas se ajustam para turistas

GABRIELA ROMEU  
ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Algumas reservas extrativistas prometem ser uma nova rota de ecoturismo na Amazônia. Hoje, com pouquíssima infra-estrutura para receber visitantes, essas áreas têm como principais patrimônios belezas cênicas intocadas e histórias do cotidiano caboclo.

Mas quem acredita ser impossível viajar sem conforto deve aguardar que as comunidades ribeirinhas conclua o seu processo de organização para receber os visitantes —ou optar pelos pacotes turísticos dos hotéis de selva espalhados pela região.

Neste ano, o Centro Nacional de Populações Tradicionais e Desenvolvimento Sustentável (CNPT), do Ibama, criou o Programa Estratégico de Incentivo ao Ecoturismo nas reservas extrativistas. Segundo Gabriela Silva Noronha,

gerente do programa, o ecoturismo já era visto como uma alternativa econômica na região.

Com o apoio do Sebrae e da Comunidade Ativa (programa social do governo federal), sete reservas extrativistas estão sendo capacitadas para o ecoturismo. Porém não se trata de um processo rápido, já que antes será desenvolvido o diagnóstico socioeconômico de cada local para descobrir suas potencialidades e vocações.

Dessas sete reservas extrativistas, que devem ser abertas ao ecoturismo no próximo ano, segundo prevê o CNPT, a **Folha** visitou três com exclusividade: Lago do Cuniã (Rondônia), Tapajós-Arapiuns (Pará) e Cajari (Amapá). São locais onde as populações vivem da pesca, da extração da seringa e da caça silvestre, demonstrando equilíbrio com a natureza.

A jornalista **Gabriela Romeu** viajou à Amazônia com o apoio do CNPT.

## DICAS PARA CONHECER A FLORESTA



Viajantes devem tomar vacina contra a febre amarela com pelo menos dez dias de antecedência da partida. Essa vacina é válida por dez anos e obrigatória para quem visita a região



Para afastar mosquitos, uma boa dica é tomar comprimidos de complexo B alguns dias antes de viajar. Não deixe de consultar um médico sobre as contra-indicações



Carregue água engarrafada na bagagem e evite beber sucos naturais em estabelecimentos comerciais ou em casas de moradores



Protetor solar, boné, repelente contra insetos e capa de chuva não podem faltar na sua mochila, principalmente durante caminhadas na mata



Outros acessórios importantes são binóculos, apito (no caso de alguém se perder do grupo), cantil com água, mosquiteiro e lanterna (com pilhas extras)



É válido sempre carregar rede e corda durante suas andanças pela Amazônia. Elas serão úteis se você tiver de passar a noite em um barco ou na casa de um ribeirinho



Não tome banho em lagos, lagoas e igarapés antes de perguntar a moradores e guias se o local é seguro. Arraias com ferrões venenosos, piranhas e cobras podem ser uma ameaça



A época das chuvas não é a mais indicada para conhecer a Amazônia. Mas o cenário muda no inverno, que varia conforme a região



Fique atento a sintomas como diarreia, febre alta e calafrios devido à ocorrência de malária na região. Antes de viajar, marque uma consulta no Ambulatório dos Viajantes (tel. 0/xx/11/3069-6382)



Esteja sempre acompanhado de um guia especializado para visitar as reservas extrativistas da Amazônia. Tenha a autorização do Ibama local

Fonte: Guia Philips "Amazônia Brasil"

## Há 25 áreas extrativistas

DA ENVIADA ESPECIAL

Há no país 25 reservas extrativistas, que são consideradas áreas de conservação de uso sustentável. Segundo Atanagildo Matos, chefe do CNPT, mais seis áreas devem ser criadas até o final do ano. Divididas entre marinhas e continentais, essas reservas somam cerca de 5 milhões de ha.

Matos diz que as reservas extrativistas seguem quatro preceitos: direito à terra por intermédio de um contrato de concessão de uso, organização da comunidade que cuida da área, geração de renda e exploração dos recursos de acordo com o plano de manejo (para que eles não se esgotem).

O extrativismo dos caboclos usa ao máximo a diversidade da floresta. Além de extrair recursos de árvores como, por exemplo, a andiroba e a copaíba, as comunidades subsistem da caça, da pesca e da agricultura familiar. (GR)

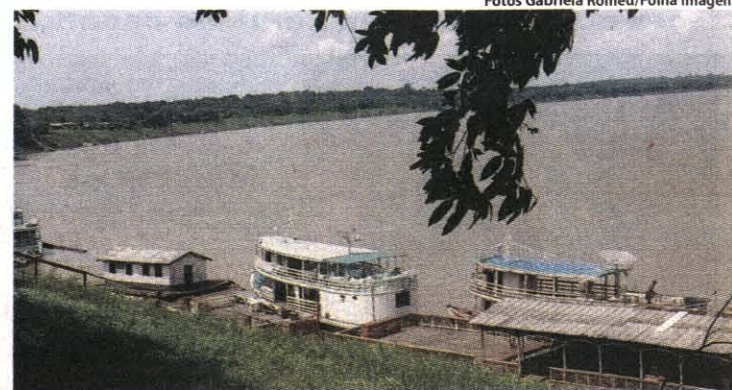




Embarcação que viaja pelo rio Tapajós no porto de Santarém



Fortaleza de São José de Macapá às margens do rio Amazonas



Vista do porto do rio Madeira, em Porto Velho, em Rondônia

## NA FLORESTA

# Barco-hotel economiza tempo em percurso

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Dormir em barcos que navegam por rios amazônicos é uma experiência memorável. Muitos moradores da região, habituados a esse tipo de viagem, carregam sempre suas redes de dormir.

No Pará, um barco médio tem cozinha, quarto (que à noite pode ser muito abafado), banheiro e área coberta, para instalar as redes de dormir. Os banhos podem ser divertidos quando os barcos estão em movimento.

A vantagem é não perder tempo com os deslocamentos entre um povoado e outro. E o café da manhã à beira-rio é agradável. Os enjoos e a abundância de insetos em alguns rios são as desvantagens.

Esse tipo de viagem é mais indicado para grupos, já que não fica muito barato para um casal ou uma família. Os preços variam bastante, mas a diária de uma embarcação custa cerca de R\$ 100, com o serviço do comandante.

Nesse valor, não estão incluídos a alimentação e o combustível —250 litros de gasolina são necessários para fazer o percurso de ida e volta de Santarém até o povoado de Suruacá (PA).

(GABRIELA ROMEU)

Editoria de Arte/Folha Imagem

### PARA QUANDO VOCÊ FOR ÀS RESERVAS NO NORTE

#### Passagens aéreas

SP-Porto Velho-SP	
Vasp	R\$ 1.796
TAM	R\$ 2.066
Varig	R\$ 2.228

SP-Santarém-SP	
Varig/TAM	R\$ 2.424

SP - Macapá - SP	
Vasp	R\$ 1.468
Varig/TAM	R\$ 1.726

Reservas - Varig: 0/xx/11/5091-7000; Vasp: 0300-7891010; TAM: 0300-1231000

#### Hospedagem\*

##### Em Porto Velho

Vila Rica	R\$ 142
Aquarius Selva	R\$ 160
Samaúma	R\$ 62

##### Em Santarém

Santarém Palace Hotel	R\$ 65
Amazon Park	R\$ 97,70

##### Em Macapá

Marabaixo	R\$ 110
Pousada Ekinox	R\$ 130
Ceta Ecotel	R\$ 145

Reservas - Amazon Park: 0/xx/93/523-2800; Aquarius Selva: 0/xx/69/225-2525; Beloalter: 0/xx/93/527-1230; Ceta Ecotel: 0/xx/96/227-3396; Marabaixo: 0/xx/96/223-7853; pousada Ekinox: 0/xx/96/223-0086; Samaúma: 0/xx/69/224-5300; Santarém Palace Hotel: 0/xx/93/523-2820; Vila Rica: 0/xx/69/224-3433

\*Diária para o casal, com café da manhã

#### Guia

Guia Philips "Amazônia Brasil" (Editora Horizonte Geográfico e Publifolha, R\$ 25,50, à venda pelo tel. 0800-140090)

## Ida a reservas precisa de aval

DA REDAÇÃO

Quem quiser ir às reservas extrativistas do Lago do Cunã (RO), de Tapajós-Arapiuns (PA) e do rio Cajari (AP) deve ligar para o CNPT (Centro Nacional de Populações Tradicionais e Desenvolvimento Sustentável), responsável pelas reservas. É preciso ter autorização para entrar nelas.

Para ir ao Cunã, ligue para o CNPT de Rondônia, tel. 0/xx/69/223-3599. O tel. do CNPT do Pará, onde fica Tapajós-Arapiuns, é 0/xx/93/523-2815. Para ir a Cajari (AP), telefone para o CNPT de Brasília: 0/xx/61/316-1563.



## SERES QUE POVOAM O IMAGINÁRIO CABOCCLO



CURUPIRA

Curupira quer dizer 'corpo de menino'. Ele é representado por um anão, com cabeleira avermelhada e pés virados para trás. José de Anchieta, em 1560, já falava de um certo demônio citado pelos índios: "Dão-lhes açoites, machucam-nos e matam-nos". Responsável por ruídos misteriosos e pelo desaparecimento de pessoas, ele engana caçadores e viajantes com assobios e sons falsos, fazendo-os se perder na mata



CAIPORA

A variação é Caipora ("caá" quer dizer "mato", e "pora" significa "habitante"). É o Curupira, mas com os pés normais. É um índio pequeno, ágil, escuro, nu ou com tanga. Fuma cachimbo, adora cachaça e vive no tronco das velhas árvores. Ele comanda os animais, faz pactos com os caçadores e surra os cachorros. No Ceará, o Caipora é representado com olhos em brasa. Montado em um tipo de porco, ele agita um galho de japecanga. Em Pernambuco, tem um pé só



COBRA-GRANDE

O mito da Cobra-Grande exerce grande influência sobre as populações ribeirinhas do rio Amazonas e seus afluentes. O monstro tem a forma de uma sucuri ou de uma jibóia que aparece nos cursos de água. Ela cresce tanto que abandona a floresta para viver nas águas profundas. Os igarapés são formados a partir dos sulcos que a Cobra-Grande deixa na terra. É também conhecida como Mãe-d'água ou como Boiúna (significa "cobra preta"), embarcação a vapor e a vela



BOTO

Os caboclos contam que o Boto, nas primeiras horas da noite, transforma-se num rapaz alto, forte e bonito. Ele aparece nas festas, dança bem, bebe bastante e namora as moças. Em alguns relatos, o Boto vira um rapaz vestido de branco. Antes de chegar a madrugada, ele pula na água e volta a ser cetáceo. No Pará, a expressão "filho de boto" significa "sempai". Quando seco, o olho do boto é um poderoso amuleto amoroso



MAPINGUARI

Parece o homem, mas todo cabeludo, lembrando um macaco gigante. Tem unhas fortes como as da onça e longos pêlos que o tornam invulnerável à bala. A única parte do corpo que não pode ser atingida pelos tiros dos caçadores é a região do umbigo. Mas, se o Matinguari pegar o homem, seu grande inimigo, devora somente a cabeça humana. Há relatos em que o Matinguari é parecido com o Curupira, já que atrai e engana as pessoas com falsos ruídos e assobios

Fonte: 'Dicionário do Folclore Brasileiro' (Global Editora), de Luís da Câmara Cascudo

**PERDIDOS NA FLORESTA** *Moradores asseguram serem verdadeiras as histórias envolvendo criaturas do imaginário popular*

# Boto e Caipora protagonizam causos locais

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Caboclo gosta é de contar histórias. Conforme o interesse e a reação da platéia, ele se empolga e aumenta um ponto no conto. Fala baixinho e usa palavras regionais —para desespero do ouvinte. No final, ressalta: "É tudo verdade". E aqueles que não deram de ca-

ra com o Curupira ou fugiram da Cobra-Grande sempre lembram da experiência de um irmão, de uma tia, de um primo. Caiporas, botos que viram gente e caboclinhos do mato também fazem parte do rico imaginário amazônico.

Dona Pequenina, 82, moradora da reserva Lago do Cunã, gosta de contar causos locais, principal-

mente para os netos. "Eles acreditam, mas não têm medo. Se eles vissem de verdade..." diz, com tom de voz alto e forte.

O Caipora é um dos seres que habitam o acervo de histórias de dona Pequenina. "Eu sei que o papai contava do Caipora. Ele cantava de ver o Caipora na mata quando cortava a seringa. Diz que

ele cantava assim: 'Ei, ei, ei, ei'. Aí meu pai trepou no galho. Vinha ele com um cachimbo e um bando de queixadas na frente. Ele tem um pé de gente, é peludo, fuma muito e não acha muito bom matar os animais da mata. Às vezes, dá surra no caboclo."

Maria do Carmo Souza Lima, 72, que vive no povoado de Suruacá, às margens do rio Tapajós, no Pará, é mãe de 12 filhos, criou 11 (um nasceu morto), tem 43 netos e quatro bisnetos. Diz que muitos pescadores já encontraram a Cobra-Grande no "mar", o rio Tapajós. "Quando ela cresce demais aqui na terra, não pode mais caçar para pegar o que comer. Ela então vai para a água, onde fica mais à vontade."

Também às margens do rio Tapajós, há muitas histórias de botos que viram homem, geralmente com roupas brancas, e aparecem para namorar as mulheres em noite de lua cheia. Há variações e, em uma delas, o boto, invisível, acaricia a pretendente.

A ex-professora Neuza Farias da Costa, 63, jura que o boto aparecia em sua casa quando ela estava deitada na rede. Ela conta que ficava meio adormecida, mas sentia o peso do corpo dele. Perturbada com as visitas, Neuza teve que fazer uma receita (com alho, malagueta e casca de paritá) para espantar o animal.

(GABRIELA ROMEU)



No alto, Maria do Carmo Souza Lima com os netos; acima, dona Pequenina, cujo pai dizia que vira o Caipora várias vezes



Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem



Palafitas sobre igarapé na reserva Cajari, que fica a cerca de quatro horas de barco de Macapá



Morador observa lago do Ajuruxi, cheio de vitórias-régias; na região, povoado produz farinha

**PERDIDOS NA FLORESTA** *Na rota para a reserva, famílias pegam camarão*

# Falta de recursos de Cajari ofusca beleza local

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Para chegar a alguns povoados da Reserva Extrativista do Rio Cajari, no Amapá, é preciso navegar pelas águas barrentas do Amazonas, onde barcos de pescadores até parecem de brinquedo devido à quantidade de águas.

A viagem de lancha, que parte do porto de Santana, é cansativa e dura umas três horas até o início da reserva, no rio Ajuruxi. No caminho, durante o verão amazônico, há famílias de catadores de camarão instalados em taperis (cabanas). Com o matapi (instrumento feito com talo de jupati), eles pegam o camarão, que, descascado, sai por R\$ 4 por quilo.

O povoado de Santo Antônio da Foz, no rio Ajuruxi, também vive da pesca do camarão, além da colheita do açaí, do cultivo de roças e da pesca. Seis famílias vivem nesse povoado, onde faltam energia elétrica e saneamento básico. Dos igarapés, eles tiram água para beber, cozinhar e tomar banho.

## Entre açazeiros e buritis

Em Cajari, a falta de recursos de algumas comunidades impressiona mais do que as belezas da floresta. Na casa de Maria Barros Frazão, 82, por exemplo, o banheiro é improvisado na cozinha, ao lado do fogão. Os excrementos caem direto na água que passa de baixo de sua casa.



O lago do Ajuruxi está a cerca de uma hora de barco dali. O rio vai ficando cada vez mais estreito até chegar ao lago, cheio de pequenas vitórias-régias e aningaís. Pendurados em tocos no meio do rio, tracajás tomam banho de sol.

O cenário é de casinhas entre açazeiros e buritis. Apuí, pracuuba, taperebá, bacaba, tucumã e virola são outras árvores que podem ser observadas no passeio até o povoado Macedônia, onde os moradores fazem uma farinha de mandioca famosa na região.

Perto da comunidade, foram construídos dois chalés e um restaurante de madeira, que estão vazios e carecem de ventilação.

Segundo David Nunes Maciel, presidente da associação de moradores, a intenção é que os visitantes fiquem hospedados no local assim que o ecoturismo tiver sido desenvolvido na reserva.

(GABRIELA ROMEU)



**PERDIDOS NA FLORESTA** *Moradores de povoado da Reserva Extrativista de Tapajós-Arapiuns controlam chegada de visitantes*

# Praias brancas pontuam trajeto a Suruacá

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

O viajante que navega pelo rio Tapajós, nos arredores de Santarém, no Pará, acredita estar só, entre praias de areia branquinha, botos-cor-de-rosa e peixes amazônicos de todos os tipos e tamanhos. Isso é um engano. Os ribeirinhos vivem no platô, uma área elevada, a alguns metros do rio, de onde observam tudo.

Ao desembarcar na praia, os visitantes são logo arguidos pelos moradores de Suruacá, povoado da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, sobre o motivo da visita. Não que os caboclos não sejam receptivos, pelo contrário. Mas o extrativista é consciente de seu papel de "vigia" na área.

A Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns fica entre os dois rios que dão nome ao lugar. O Tapajós tem uma imensidão de águas claras, e o Arapiuns é mais estreito e de águas pretas. Há 65 comunidades espalhadas por 659 mil hectares de reserva, entre os municípios de Santarém e Aveiro.

O trajeto de barco até a última comunidade, Nova Canaã, no rio Tapajós, pode durar até três dias. Mas o ecoturismo será desenvolvido primeiro nos povoados mais próximos a Alter do Chão, praia badalada de Santarém.

Não é nada fácil chegar aos povoados da reserva, já que o ecoturismo ainda está sendo introduzido no local. Mas os interessados

podem alugar um barco, onde passam a noite em redes.

Outra opção é se aventurar nos barcos de linha que partem do porto de Santarém (informações pelo tel. 0/xx/93/522-2870 ou 522-5721). Autorização do CNPT para entrar na reserva é obrigatória, assim como é recomendável a presença de um guia.

## Praias no caminho

Para chegar a Suruacá, o turista passa por várias praias de rio que, dependendo do período do ano, ficam desertas. No inverno, entre dezembro e maio, com o excesso de chuvas, as águas aumentam e as praias desaparecem.

No caminho, fique atento à praia da Ponta do Cururu, perto de Alter do Chão, e à Ponta das Pedras, com infra-estrutura para o turismo. Até Suruacá, são quatro horas de barco, numa viagem tranquila e bonita — de voadeira, o percurso dura cerca de duas horas, mas não é indicado porque a embarcação vira facilmente.

Quem estiver com tempo pode dar uma parada em Solimões, povoado da reserva bastante organizado. Quando chega um visitante, alguém vai recepcioná-lo e toca um sino para chamar os demais moradores. Lá são vendidos adornos, produzidos pelas crianças numa aula de artesanato na escola com pedaços de raízes, paus, folhas e espinha de peixes.

(GABRIELA ROMEU)



Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem

Praia deserta, que some no inverno, pode ser vista no trajeto pelo rio Tapajós até Suruacá; viagem dura quatro horas de barco

## Corneta funciona como rádio

DA ENVIADA ESPECIAL

De um quintal de seringueiras do platô do povoado de Suruacá, a vista da praia e do rio é digna de cartão-postal. O difícil é enxergar o outro lado do Tapajós, devido à largura do rio, onde os ribeirinhos lavam a roupa pela manhã ou se banham à tarde.

No primeiro dia da visita da reportagem, os moradores anunciavam pela Rádio Japim (uma corneta) o resultado da votação para escolher o presidente da associação de moradores do vilarejo. Japim é um pássaro respeitado pelos habitantes da floresta porque tem a capacidade de imitar o canto ou o barulho de qualquer outro animal.

Os moradores já recebem alguns turistas que passam o dia no povoado e provam da sua comida: peixe, farinha de mandioca e arroz. Depois os visitantes caminham pela vila, onde há igreja, centro comunitário, escola (coberta com telhas que esquentam muito as salas, para infelicidade dos alunos) e posto de saúde.

O mais interessante, no entanto, é reparar na construção das casas, observar a infinidade de árvores,

plantas e ervas que os extrativistas cultivam no quintal, acompanhar as brincadeiras das crianças, conhecer o trabalho de seringueiros, caçadores e pescadores.

E puxar conversa com os caboclos — que são um pouco tímidos no começo. Eles adoram explicar como é a vida no povoado e falar de seus feitos. A parteira Liana de Melo Souza, 63, por exemplo, já trabalhou no parto de 225 crianças. "Um dos mais difíceis foi o que durou 14 dias, mas deu tudo certo", lembra orgulhosa.

Outra atração do povoado é a cestaria feita com a palha da tucumã, palmeira cheia de espinhos. A artesã Alirria Senhorenhá Costa, 54, explica que balaies, paneiros, abanos, bolsas, tapetes, entre outros objetos, são tingidos com corantes naturais, como a planta carajuru e a fruta do jenipapo, a maioria cultivada no quintal. Os preços variam de R\$ 1 a R\$ 10.

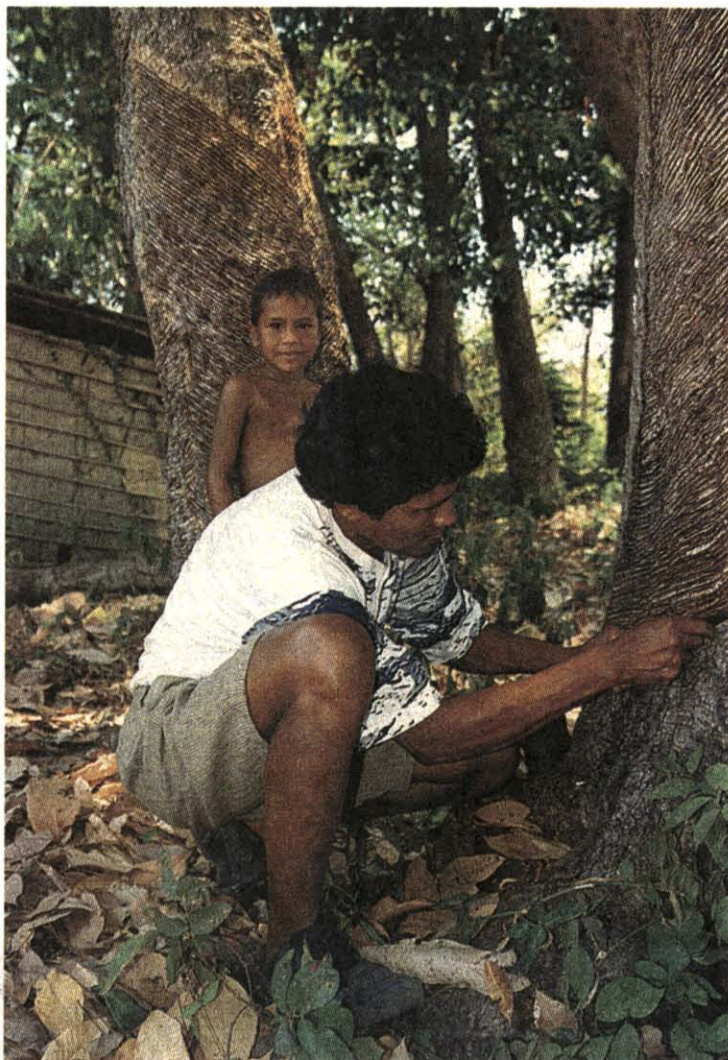
Existe ainda uma trilha em Suruacá onde é possível conhecer espécies vegetais como inajazeiro, tucumã e pequi. Existem seringueiras próximas às casas dos moradores e vale a pena conhecer como é tirado o látex usado para fazer borracha. (GR)



Cestaria de artesanato



Editoria de Arte/Folha Imagem



Morador mostra como é feita extração de látex de seringueira



PERDIDOS NA FLORESTA Artesãos de Maguary aplicam suco de seringueira em tecido para criar material emborrachado

# Látex se transforma em couro ecológico



Crianças do povoado de Maguary ao lado de uma seringueira



Chico Mendes colhe látex de seringueira no Xapuri, no Acre

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Agregar valor aos recursos extraídos da Amazônia de forma equilibrada é o objetivo das comunidades ribeirinhas. Em Maguary, povoado localizado na área da Floresta Nacional do Tapajós, o látex que escorre das seringueiras é transformado em bolsas, carteiras e pastas —peças “exportadas” para o Pará e São Paulo.

O morador Arimar Feitosa Rodrigues, 31, coordena dez famílias na produção do couro ecológico, uma manta impermeável feita artesanalmente por meio da aplicação do látex em tecido de algodão cru ou estampado, que parece um tipo de tecido emborrachado.

Rodrigues explica que o couro ecológico é vendido em mantas (nas medidas de 1,90 m por 80

cm) ou em peças já acabadas —como mochilas e capas de chuva. Para dar cor aos produtos, os artesãos usam corantes naturais, como o urucum. Sementes da floresta também são usadas para fazer fechos e botões das peças.

Os homens usam grandes cilindros metálicos para aplicar as camadas de látex à manta, e as mulheres dão o acabamento (cortam e costuram as peças). Todos tiram a seringa na época da safra. No final do mês, as famílias faturam cerca de R\$ 200, de acordo com as contas do coordenador.

“Nosso objetivo é levar essa experiência para outras comunidades do Tapajós, já que a seringa está espalhada por aí”, diz Rodrigues. As peças custam de R\$ 5 a R\$ 40 (tel. 0/xx/93/523-5185).

(GABRIELA ROMEU)



Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem

Bolsas de couro ecológico produzidas pelos artesãos de Maguary

## CHILE

**Dos esportes andinos aos rios, lagos e vulcões, a adrenalina faz parte da paisagem.**

**Isto é Chilediversidade.**

**VERÃO NO VALLE NEVADO - 6 dias / 5 noites**  
O espetacular centro de ski oferece atividades de lazer no verão, com piscina aquecida e fitness center. E com sorte, poderemos ver algum Condor sobrevoando a região, já que é o habitat natural dessas aves. 3 noites de hotel em Santiago com café da manhã e city tour. 2 noites de hotel em Valle Nevado com pensão completa. Excursão à Laguna Andina, ao Mirador dos Glaciais, passeio de teleférico. Traslados incluídos. Min. 2 paxs. Hotel categoria turística superior.  
À vista, a partir de **US\$ 945,**

**AVENTURA NA REGIÃO DA ARAUCÁNIA E REGIÃO DOS LAGOS E VULCÕES - 8 dias / 7 noites**  
2 noites de hotel em Santiago, 3 noites de hotel em Puerto Varas. Atividades: rafting no rio Petrohue, trekking no Vulcão Osorno, cavalgada ao Vulcão Calbuco. 2 noites de hotel na cidade de Pucon. Atividades: rafting no rio Trancura, visita às termas. Traslados e café da manhã incluídos. Min. 2 paxs. Hotel categoria turística e superior.  
À vista, a partir de **US\$ 1.404,**

www.lanchile.com

SERVICIO NACIONAL DE TURISMO

Corporación de Promoción Turística do Chile.

New Age 11 3138-4888	Queensberry 11 3217-7100	Teresa Perez Tours 11 3034-4600	Agaxtur 11 3067-0900	Acoradouro 19 3235-3244	CVC 11 3889-7011	Calcos 0800-7710945
Designer Tours 11 223-3799	Expedition 11 3253-2128	Fênix 11 3255-4666	Interpoint 11 3081-9400/0800-119875	Intravel 11 3120-4141	Maktour 11 3034-1234	Marsans 11 3255-5744

## Chico Mendes batiza reserva

DA ENVIADA ESPECIAL

A luta entre seringueiros e fazendeiros na Amazônia, a partir dos anos 70, deixou gravado na história o nome de Chico Mendes. O seringueiro foi uma liderança importante na região por brigar pelos direitos de sua classe e pela preservação da floresta.

As famílias de seringueiros formavam correntes para impedir a derrubada de árvores e faziam o líder da motosserra assinar um documento no qual ele garantia interromper o desmatamento. Mendes organizava muitas dessas ações, chamadas de “empates”.

O líder foi assassinado em 1988 pelos fazendeiros Darly e Darcy Alves da Silva ao comandar um empate no seringal Cachoeira. Sua morte fez com que o governo reconhecesse a luta dos seringueiros e, em 1990, foram criadas as reservas extrativistas de Alto Juruá e Chico Mendes, no Acre.



**PERDIDOS NA FLORESTA** *Alimento é comum a várias espécies animais que habitam Reserva Extrativista do Lago do Cuniã*

# Homem disputa peixe com jacaré e biguá

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Depois de navegar por quase quatro horas em lancha pelas águas barrentas e rápidas do rio Madeira, partindo de Porto Velho, em Rondônia, é um alívio entrar no igarapé que leva à Reserva Extrativista do Lago do Cuniã.

A reserva ocupa 55 mil hectares. Cerca de 60 famílias, ou 305 pessoas, vivem na área, e a pesca é a principal atividade econômica dos caboclos. Algumas famílias, a maioria no povoado Araçá, produzem farinha de mandioca.

Na viagem pelo igarapé, maguáris recebem os visitantes em troncos de árvores caídas na água, botos-cor-de-rosa nadam perto do barco, um ou outro jacaré é "atropelado" pela embarcação.

Um ou outro não é a melhor forma de quantificar os jacarés-água que habitam a região da reserva extrativista. Fileiras desse réptil, batizado como gigante do Cuniã, ficam nas duas margens do igarapé, só com a cabeça para fora da água. Com o barulho do motor, eles afundam lentamente na água esverdeada, que serve de

espelho para diversas aves.

Mais uma hora de voadeira e já é possível avistar o lago do Cuniã, onde fica um alojamento do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

Contam os moradores que uma cobra gigante protege o lago do Cuniã. Ela é uma índia que foi encantada no passado. Se matarem a cobra, o lago seca, vira pedra.

## À noite com os jacarés

Na Reserva Extrativista Lago do Cuniã, homem, jacaré e biguá disputam a principal fonte de alimento da região: peixes como jatuaranas, pirapitingas, tucunarés e pirarucus (espécie que chega a medir 2,5 m de comprimento).

Ameaça para os moradores, os jacarés-água são o maior atrativo para os visitantes no Cuniã. É possível avistá-los a qualquer hora do dia, principalmente no verão, entre os meses de maio e outubro, quando as águas dos lagos e igarapés estão baixas. (Leia mais sobre o réptil nesta página.)

À noite, Jorge Ferreira Lopes, 40, presidente da associação de

moradores da reserva, leva grupos para focar jacarés. O igarapé parece pista de pouso de avião no período noturno, repleto de luzinhas vermelhas, no caso, os olhos atentos dos jacarés na água.

Lopes explica que a luz cega o jacaré. Por isso é possível chegar bem perto do bichão, que fica imóvel. Mas se o barco virar...

Durante o dia, as atividades no local consistem em caminhar pela floresta, provar frutas como a tucumã e taperabá e acompanhar a pescaria dos habitantes.

No Cuniã, todos pescam desde crianças. A primeira etapa é com arco e flecha. Depois praticam pegar o peixe com a tarrafa e o espinhel. Já os adultos pescam com arpão para pegar pirarucu, outro gigante conhecido da Amazônia.

Também é divertido observar os botos, rosas e cinzas (chamados tucuxis), correrem atrás de cardumes no Cuniã. Batição é o nome que os nativos dão ao bando de biguás que aparece para "pescar" no lago. As aves mergulham na água para pegar o peixe e as mais desatentas viram petisco de jacaré. (GABRIELA ROMEU)



Biguás (ao fundo) se alimentam dos peixes do lago do Cuniã, na reserva extrativista rondonense



Criança da reserva brinca em cima de árvore

## Répteis pululam na região, ameaçando as pessoas

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Se chegar bem pertinho dos jacarés gigantes que habitam o lago do Cuniã diverte os turistas, a proximidade desses répteis não agrada aos moradores da reserva. Os extrativistas reclamam que a falta de manejo com essas espécies na região está colocando suas vidas em perigo.

Os caboclos relatam diversas histórias de acidentes com os jacarés-água. As mães têm dificuldades para lavar roupa, as crianças não tomam banho no lago e os pescadores são frequentemente atacados pelos jacarés.

João da Silva, 57, pescador desde os 12 anos de idade, diz que já foi atacado por jacarés três vezes. "Tenho medo, a gente não pesca mais tranquilo. Uma vez estava

com meu neto de dez anos pescando e, na hora em que a gente jogou a tarrafa, ele veio para cima, mas pegou a canoa", conta Silva, que chama o jacaré de "dragão".

Sua mulher, Maria Madalena de Araújo, 48, explica que é preciso ficar atenta quando está limpando peixe ou lavando roupa na prancha, à beira do igarapé. "O bicho fica rondando a gente."

Já o morador Francisco das Chagas Ferreira, 50, foi surpreendido pelo jacaré quando estava tomando banho no rio à noite.

Na casa da menina Deisa de Souza da Silva, 8, duas pessoas já foram atacadas. Por isso ela diz morrer de medo de pular nas águas das lagoas do Cuniã. "A mãe foi jogar tarrafa no igarapezinho, e o jacaré agarrou a perna dela. Com a minha irmã já acon-

teceu a mesma coisa há alguns anos", lembra Deisa.

De acordo com Jorge Ferreira Lopes, 40, presidente da associação de moradores da reserva extrativista, o homem e o jacaré disputam o peixe no Cuniã.

"O problema é que o jacaré não tem predador e se reproduz rapidamente. A comunidade está correndo risco por causa desses répteis, a maioria com cerca de três metros de comprimento", explica o presidente.

Lopes se preocupa com a necessidade de diversificar as atividades econômicas na região — a maioria das famílias vivem da pesca e poucas da produção da farinha. "Se continuar essa pressão no peixe, ele vai se tornar escasso. E, se o peixe acabar, o jacaré vai pegar o homem", completa o mo-

rador, que estima um número de 10 mil jacarés na reserva.

Segundo Atanagildo Matos, chefe do CNPT (Centro Nacional de Populações Tradicionais e Desenvolvimento Sustentável), o estudo do plano de manejo deve ser iniciado no ano que vem no Cuniã. "O predador do jacaré é o homem. Como lá os moradores não se alimentam da carne do animal [o que é permitido nessas áreas], ocorre um desequilíbrio. O jacaré coloca uns 40 ovos por ano."

Matos acha que uma saída é, depois do estudo realizado, fazer um criatório para comercializar esses animais de forma equilibrada. "Em vez de incentivar na reserva a criação de galinha, porco e carneiro, por exemplo, a idéia é criar capivara, caititu, paca e jacaré", completa o chefe do CNPT. (GR)



**PERDIDOS NA FLORESTA** Locomotiva inglesa exposta estava largada nos trilhos e servia de galinheiro e depósito de água

# Museu guarda história de ferrovia da selva



Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem

Ex-foguista e locomotiva são parte da história contada no Museu da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Em Porto Velho, capital de Rondônia, o Museu da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré guarda um pouco da história da ferrovia, construída na selva amazônica —ou “inferno verde”, como era chamada por muitos. O objetivo da obra era escoar a produção da borracha nos séculos 19 e 20.

O museu fica às margens do rio Madeira (um dos maiores afluentes do Amazonas). Entre as peças expostas num antigo galpão, há instrumentos usados na manutenção dos trilhos da ferrovia, telefones, relógios, fotografias, livros e documentos.

O que mais chama a atenção dos visitantes é uma locomotiva inglesa. A máquina estava abandonada nos trilhos e servia de galinheiro e depósito de água.

Retratos antigos nas paredes mostram homens que trabalharam na construção da estrada. São personagens anônimos como

o pai do ex-ferroviário Carrol Van Olton Denny, 66, que conhece parte dessa história. Denny foi foguista e trabalhou no trecho de Porto Velho a Guajará-Mirim de 1954 a 1969. “Era perigoso, mas tenho saudades.” O pai dele veio das Antilhas para trabalhar na ferrovia. “Meu pai aguentou até o fim. Ele dizia que os patrões mandavam matar quem ficava doente para não contaminar os outros. Meu pai foi abandonado nos trilhos, mas sobreviveu.”

A viagem de um ponto ao outro durava um dia e meio, e todos dormiam no caminho. Denny diz que ouvia gemidos de “fantasmas”. “São pessoas que morreram naquela época e continuam perdidas na floresta”, conta.

A preocupação do ex-ferroviário hoje é com o abandono do lugar: “Peço aos alunos que vêm aqui para anotarem tudo, pois isso tudo vai acabar”. Alda Pereira, funcionária do museu que recebe os visitantes, concorda: “O

museu está em estado precário. Há móveis com cupim e fotos que precisam de restauração”.

## História

Foram várias as tentativas de construir os 336 km da estrada de ferro que marcou a história de ocupação da Amazônia. O objetivo do projeto era ligar as áreas de produção do látex. Entre 1907 e 1912, cerca de 30 mil pessoas de diversos países, principalmente negros das Antilhas, trabalharam na ferrovia. Calcula-se que cerca de 6.000 trabalhadores foram vítimas de doenças tropicais, de ataques indígenas e de animais.

Assim que a construção foi concluída, houve declínio do comércio da borracha. Com o abandono, a floresta invadiu os trilhos.

(GABRIELA ROMEU)

**Museu da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré** - Av. 7 de Setembro/prça Madeira-Mamoré. Aberto de segunda a sexta, das 8h às 18h. Grátis.

## Ribeirinhos chamam rio Amazonas de mar

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

Após navegar por rios como o Amazonas, é mais fácil entender um termo bastante recorrente na região: igarapé. Igarapé significa “pequeno rio”, que pode ser navegável ou não. São classificados como grandes (igarapés-açus) e pequenos (igarapés-mirins).

Os rios Amazonas, Madeira e Tapajós são tão extensos que parecem mar — e é assim que muitos ribeirinhos se referem a eles. Fazem com que outros rios, também imponentes em sua quantidade de água, virem igarapés.

Na região amazônica, os rios são basicamente divididos entre os de águas brancas (ou barrentas), pretas e claras. Eles têm ca-

racterísticas diferentes entre si.

Entre os rios de águas barrentas, destacam-se o Amazonas, o Solimões e o Madeira. Às margens de rios de águas brancas, a concentração populacional é grande devido à piscosidade (quantidade de peixes) das águas. Os peixes são abundantes principalmente no período das cheias, quando chove bastante. Ao chegar a seca, os roçados, submersos na época das chuvas, ficam férteis por acumular os nutrientes das águas.

Exemplos de rios de águas claras na bacia Amazônica são o Tapajós e o Xingu, que chegam a ser cristalinos em algumas áreas. Os rios de águas pretas, como o Negro, têm menor quantidade de peixes e atraem menos insetos.



Embarcação navega pelo rio Amazonas perto de Macapá (AP)



**PERDIDOS NA FLORESTA** *Obra enfoca o Alto Juruá (AC), mas serve de introdução para qualquer região do ecossistema*

# Enciclopédia destrincha saber amazônico

DA ENVIADA ESPECIAL À AMAZÔNIA

A vida, os saberes e os mitos dos povos amazônicos estão descritos na "Enciclopédia da Floresta - O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações", organizado por Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida. A obra traz o conhecimento enciclopédico daqueles que vivem perto dos rios, igarapés, lagos e igapós da Amazônia.

Seringueiros, caxinauas, campas e catuquinas habitam a microrregião do Alto Juruá, no Acre, próximo à fronteira com o Peru. Na área, de 32.090 km<sup>2</sup>, estão o Parque Nacional da Serra do Divisor, 19 áreas indígenas e três reservas extrativistas. São grupos que trocam saberes e apresentam um mosaico de diferenças.

A obra traz as falas desses povos do Alto Juruá: há dicionário dos bichos de cabelo, calendário dos campos, histórias sobre o surti-

mento do tuá (canoeiro), mapas de rios e paranãs, assim como a diversidade animal e vegetal, a geologia e a geomorfologia.

Aos peixes, às cobras e às aves são reservadas páginas e páginas, repletas de informações saborosas. O gavião, conhecido como "onça de pena", serve de comida para os campas, mas são considerados reimosos (a qualidade da sua carne os tornam perigosos de comer) pelos caxinauas. Descrições de socós, mutuns, nambus, tucanos, saracuras e jaburus também compõem esse capítulo.

Já os peixes, cujos nomes podem variar de um rio para outro, são divididos entre os de escama, couro e casco. Serve de introdução à infinidade de espécies amazônicas, como o aruanã, que atinge um metro, mas só é saboroso quando está gordo.

A publicação reúne ainda conhecimentos dos homens que "andam na mata olhando em vol-

ta e para o alto, com a atenção na caça" e das mulheres que "olham para baixo, prestando atenção nas ervas". Explica que os seringueiros não são migrantes perdidos na Amazônia, desprovidos de imaginário, técnicas e história.

Esses grupos trocam experiências: os catuquinas aprenderam a respeitar o Caipora com os seringueiros, por exemplo. Mas os seringueiros apreciam a farinha de mandioca, enquanto os índios preferem a macaxeira cozida —por isso os caxinauas apelidam os seringueiros de "farinhanawa" ("povo da mandioca").

A enciclopédia é uma pré-viagem para quem pretende se aventurar pela Amazônia, mesmo que a área escolhida não seja a do Alto Juruá. (GABRIELA ROMEU)

"Enciclopédia da Floresta - O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações" - Companhia das Letras, 735 págs. Preço: R\$ 89. Nas livrarias.



Dois mutuns com seus filhotes são representados por Moisés Piyáko na "Enciclopédia da Floresta"

## Lenda dos índios caxinauas conta a origem do veneno das cobras



Cobras e seu veneno são personagens de lendário indígena

DA ENVIADA ESPECIAL

Não faltam histórias de bichos cabeludos, macacos-da-noite que choram demais e mulheres que viram gaviões na enciclopédia sobre o Alto Juruá. Essas lendas têm mais sabor por trazerem as falas dos índios e dos seringueiros.

Os caxinauas contam uma lenda belíssima para explicar a origem do veneno das cobras —esses seres rastejantes são chamados de "inseto" pelos seringueiros e de "rono" pelos catuquinas.

No tempo do Dua (primeira gente que apareceu na Terra), as cobras não tinham veneno nem sabedoria. Dua apareceu na aldeia das cobras e ofereceu entregar suas armas (venenos e dentes) em troca de uma dieta que elas deveriam cumprir direitinho: passar alguns dias com o gosto de mingau de "muká" (uma batata muito amarga) na boca.

A cobra-cipó (ou "piská") não aguentou e foi logo tomar mingau de banana escondido para tirar o amargor da boca. Depois, com um calor em seu corpo, "piská" resolveu tomar banho com sua mulher. Então Dua, irritado, jogou um pouco de água de "txat-xá" (uma árvore pequena) na cabeça da cobra-cipó para que não lhe restasse veneno algum.

Entoando uma cantoria, Dua deu as armas às cobras obedientes. A cada casal de cobra entregou um veneno diferente. Aquelas que provaram do mingau de "muká" e ainda morderam um pedaço dessa batata viraram "cobras de boca perigosa", as mais venenosas que existem.

Como a cobra-papagaio e a jiriquita-bóia estavam trepadas em árvores, Dua decidiu que elas deveriam permanecer assim. Outras ficariam em buracos e só sairiam de lá para caçar à noite. Para a cobra-cipó, Dua deu somente umas flechinhas (dentes) para que ela pudesse caçar algum animal pequeno enquanto vivesse.

Finalmente, Dua mandou que cada uma seguisse seu caminho. Por isso as cobras vivem separadas, sozinhas em seu canto, e dificilmente se misturam. (GR)